

## Capítulo 1

No capítulo um Fernando Savater faz-nos uma pequena introdução ao que é a Ética, por palavras suas a ética é aquilo que nos convém.

Neste capítulo também é-nos contada a história de Heitor e esta é comparada à história das térmitas. As térmitas são seres da natureza que estão programados para defender os seus grandes formigueiros e a protegem mesmo que para isso tenham de morrer. A elas não lhes importa, pois esta foi a função pela qual nasceram, para proteger o seu formigueiro. Do outro lado temos a história de Heitor, o melhor guerreiro de Troia, que tenta combater com Aquiles, mesmo sabendo que este é mais forte do que ele e provavelmente Heitor vai perder a sua vida. Heitor escolheu o que fez, ao contrário das térmitas ele não tinha sido programado para vencer Aquiles (proteger a cidade), ele teve várias hipóteses e escolheu a que quis. Por isto dizemos que Heitor foi (se realmente existiu, duvida que hoje existe) um homem corajoso e valente, pois mesmo tendo a fuga como hipótese ele escolheu ficar. Heitor lutou porque quis, ao contrário das térmitas, que lutam porque têm de o fazer. É esta a grande diferença entre Heitor e as térmitas, Heitor era um homem livre e escolheu lutar, razão pela qual o seu acto tenha mérito. Este mérito também é dado porque a acção de Heitor (agente) tinha uma intenção, um motivo e foi livre de escolher (tinha livre arbítrio).

Neste capítulo também é-nos dada a ideia de que somos livres, podemos escolher o que quisermos mas não somos onipotentes, isto é, não podemos fazer tudo o que quisermos. Savater explica que também não somos livres de que nos aconteçam certas coisas, como ficar constipados, não somos livres de escolher o que nos acontece mas somos livres de actuar como escolhermos ao que nos acontece.

## Capítulo 2

Neste capítulo depois de muitos exemplos o autor dá-nos a definição de motivo, para ele motivo é a razão que se tem para fazer alguma coisa, o que nos leva a fazer algo e por isso a explicação mais lógica para que o fizemos ( o acto). Aqui explica-nos a diferença entre três tipos de motivos, as ordens, os costumes e os caprichos. Ordens são o que somos levados a fazer . Os costumes são repetições de actos que fazemos quase sem pensar, são hábitos, coisas que fazemos repetidamente e não nos questionamos sobre elas. Quando acordamos não nos questionamos porque nos vestimos de certa maneira ou porque não fazemos a cama de manhã, são hábitos, costumes, repetições de actos.

Chegando agora ao ultimo dos três motivos que neste livro são abrangidos, os caprichos. Estes são vindos do nosso interior, ou seja, somos nos que escolhemos os nossos caprichos, ninguém manda nos nossos caprichos, são espontâneos, e só dependem de nos. Não nos ordenam a ter determinado capricho. Em breve síntese consegue-se distinguir os três tipos de motivos.

Fomos obrigados a fazer tal coisa -> Ordem

É hábito fazer tal coisa -> Costume

Deu-nos a vontade de fazer tal coisa -> Capricho

### Capítulo 3

Neste capítulo o autor ensina-nos como que a decidir, a decidir por nos próprios. A pensar no que anteriormente nos disse, o porque fazemos tal coisa. Uma ordem mesmo sendo uma ordem pode não ser cumprida, isto é, somos livres de cumprir ou não tal ordem, poderão haver consequências mas somos livres. Um costume só por ser costume também não precisa necessariamente de ser sempre cumprido. Temos a liberdade de parar com a rotina, se vamos sempre pelo mesmo caminho e pisamos sempre a mesma poça só porque é costume podemos perfeitamente parar com esse costume. Somos livres e podemos ir por outro caminho, criar novos costumes que nos convenham mais, voltando novamente a definição de ética de Savater. Um capricho pode também ser facilmente ignorado, se nos der o capricho de atirar-nos de um 5º andar este capricho, se quisermos ter uma longa e boa vida, pode não ser um capricho conveniente, logo pode ser ignorado e substituído por outro capricho. Ou seja, devemos pensar nas nossas ordens, caprichos e costumes, podemos fazê-los ou podemos contrariá-los, mas para isto temos de pensar por nos próprios, sermos nos a escolher para depois não nos arrependermos.

## Capítulo 4

Chegamos neste capítulo ao dilema do “Faz o que quiseres”, é esta uma ordem para fazermos o que quisermos ou para fazermos o que não quisermos que é realmente o que queremos? As ordens na maioria dos casos tiram-nos a liberdade, mas como no caso anterior, só cumprimos a ordem se não a cumprimos, isto ao princípio é um pouco estranho. É como “bebe o café que quiseres”, isto pode ser considerado uma ordem porque nos mandam escolher, ou seja para fazermos mesmo o que queremos teremos de beber o café que não quisermos, porque nesse caso estamos mesmo a fazer o que queremos que é o que nos mandaram fazer. Em breve síntese é um tema deveras complicado, já que mesmo quando contrariamos a ordem estamos a cumpri-la.

Este breve tema foi a propósito de não passar simplesmente o tempo mas sim de o viver bem, de ter uma boa vida. Deixando o tal dilema sozinho resumimos que somos obrigados a ser livres, estamos condenados à liberdade.

Não podemos escolher ser livres, somos livres, como também não podemos escolher querer, queremos e não há nada que com que se possa contradizer estes factos.

Neste capítulo Savater diz-nos para pensar no que fazemos e ter uma boa vida. Para não nos deixarmos levar por simples caprichos e ser conscientes das consequências que podem ter. As vezes podemos querer coisas que entram em conflito com outras nossas ideias. Como antes referimos, o capricho de saltar de um 5º andar entra em conflito com a ideia de viver muito tempo. Ou seja temos de impor ordens de prioridades em relação a ideias para termos uma boa vida.

Mas uma boa vida humana, ou seja, uma vida onde socializemos com outros seres humanos. Se formos muitos ricos mas não tivermos amigos de nada nos vale a riqueza, não temos uma boa vida. Por outro lado, pode-se ser muito pobre mas tendo companhia para superar a pobreza e tendo pessoas amigas que nos ajudem torna a nossa vida muito mais boa do que qualquer riqueza sem amigos.

**Conclusão do grupo:**

Gostamos muito de ler este livro. Savater dá-nos como muitas lições de vida, ensina-nos o que é pensar por nos próprios.

É um livro onde vários temas são abordados chegando sempre que a ética é aquilo que nos convêm, é muitas vezes a razão pela qual fazemos determinadas coisas, porque é o que nos convém. Somos livres, livres para pensar, livres para ter desejos mas também somos livres para nos enganar-nos e conseguir-nos corrigir.